

# SOCORRO, CAÍ DENTRO DO VIDEOGAME

DUSTIN BRADY



# SOCORRO, CAÍ DENTRO DO VIDEOGAME



**DUSTIN BRADY**

**ILUSTRAÇÕES DE JESSE BRADY**

**TRADUÇÃO ADRIANA KRAINSKI**



# CAPÍTULO I

## Melecas e bombas

Jesse, vem cá. Você não vai acreditar nisso.

Essa foi a mensagem que arruinou a minha vida.

Eu sei, eu sei, não parece uma mensagem do tipo que destrói vidas. Ainda mais porque o meu amigo Eric, que a enviou, diz “você não vai acreditar nisso” para as coisas mais acreditáveis. No mês passado, ele disse que eu não iria acreditar que ele fez uma torrada “igualzinha ao Darth Vader” (era só um pedaço de torrada queimada), depois em um truque maneiro que ele tinha aprendido na bicicleta (pedalar por meio segundo sem as mãos no guidão) e da vez em que me contou sobre uma meleca de nariz gigante (essa era bem impressionante mesmo).

Ignorei a mensagem por um tempinho, porque o silêncio faz o Eric falar mais rápido. Cinco minutos depois, como ele não tinha escrito mais nada, acabei respondendo:

O que é?

Sem resposta.

Vai contar ou não?

Nada.

Espero que não seja mais uma meleca.

Nadica de nada.

Mais cinco minutos se passaram. Suspirei. Tá bom, o Eric iria ganhar daquela vez. Mas só porque olhar pra porcaria da meleca seria mais divertido do que a lição de matemática que eu estava fazendo. Fechei o livro, vesti a jaqueta e atravessei a rua pra chegar à casa do Eric.

A porta estava aberta, então entrei e desci até o porão.

— Beleza, vamos ver o que é — eu disse ao chegar ao final da escada.

Nada de meleca. E nada do Eric.

— Apareça — eu chamei.

Andei pela lavanderia (onde deveriam estar as roupas sujas). Fui pro andar de cima, até o quarto do Eric (onde as roupas sujas realmente estavam). Olhei atrás das portas, dentro dos armários, debaixo das camas. Nada de meleca. Nada do Eric.

Eu não podia acreditar.

Desde que a família do Eric se mudara pra casa do outro lado da rua, quando estávamos na primeira série, o passatempo preferido dele era fazer pegadinhas comigo. Eu gosto de uma boa pegadinha, como todo mundo. Mas, infelizmente, nenhuma das

pegadinhas do Eric é boa. Ele é um cara impaciente, estraga a brincadeira antes mesmo de começar. Nem sei dizer em quantas festas do pijama eu vi o Eric tentando colocar o dedo de algum amigo que estava dormindo na água e ele acabava levando um banho da “vítima”, que apenas estava fingindo dormir.

Então, por um lado, eu tinha que admirar o comprometimento do Eric com esta pegadinha. Mas, por outro lado, poderia ser a pegadinha mais besta que ele havia feito.

Voltando ao porão, aquele jogo havia me cansado.

— Tá bom! — gritei. — Vou voltar pra minha casa agora! Preciso terminar a lição de matemática, é pra segunda-feira! E você deveria fazer o mesmo!

Mais silêncio. Olhei ao redor. O único sinal de vida era um videogame pausado na TV que ficava no canto da sala. Eric adorava videogames. Principalmente aquele que estava na tela naquele momento: *Potência Máxima*. Você nunca ouviu falar do jogo *Potência Máxima*? É porque ainda não foi lançado. Eric conseguiu fazer umas duas semanas com o Charlie, o garoto mais legal da nossa sala. Só pra deixar claro: Charlie não é considerado o garoto mais legal da sexta série por ser mesmo um garoto legal. Ele é o mais legal porque o pai dele trabalha em uma empresa de videogames e às vezes dá umas cópias dos jogos aos amigos do Charlie para testarem antes dos lançamentos.

Nas últimas duas semanas, o Eric não parou de falar do *Potência Máxima*:

— Jesse, me escuta. Esse é o jogo mais legal do mundo!

— Tô nem aí.

— São aliens que tentam conquistar o mundo, e você é a única pessoa viva que pode salvar todo o resto, porque...

— Tô nem aí.

— ... você encontrou um dos detonadores deles, e, quando você consegue deixar o detonador na POTÊNCIA MÁXIMA, você pode...

— NÃO TÔ NEM AÍ!

— ... começar a disparar...

Eric não desistia de tentar me fazer vê-lo jogar. Eu nunca tinha vindo porque prefiro que alguém dispare uma mangueira de incêndio na potência máxima na minha cara a assistir a outra pessoa jogando videogame. Não que eu odeie videogame — tenho certeza de que é legal. Mas nunca tive tempo pra jogar.

Fui andando na direção da tv. O Eric fala tanto daquele jogo, talvez eu devesse tentar. No mínimo seria melhor que a lição de casa de matemática. Peguei o controle, olhei para a tela, que apresentou a frase:

### **VOCÊ TEM CERTEZA?**

— **SIM**

— **NÃO**

Travei por um segundo. Será que eu devia? E se eu apagasse o jogo que o Eric tinha salvado? Ah, ele nem iria ligar. Eric ficaria feliz por eu ter tentado jogar videogame. Cliquei no “SIM”.

No mesmo instante em que cliquei, tudo ficou preto. Não a tela. Tudo, *a sala inteira*.

